



## TEMPO HISTÓRICO: APROXIMAÇÕES ENTRE RICOEUR E KOSELLECK

JANESSA PAGNUSSAT<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo abordar algumas aproximações e articulações possíveis sobre a concepção de tempo histórico em Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck. Ricoeur descreve o terceiro tempo como tempo histórico em *Tempo e Narrativa III*, quando o historiador medeia o tempo entre o da natureza e o da consciência. Já Koselleck, em sua teoria dos conceitos, aborda o tempo histórico a partir da relação entre espaço de experiência e campo de expectativa. O espaço de experiência se refere ao passado, enquanto o campo de expectativa se refere ao futuro. A partir disso, Koselleck afirma que o passado e o futuro se entrelaçam para a formação do tempo histórico, teoria abordada em sua obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Por fim, será feita uma abordagem entre a teoria de Ricoeur e Koselleck, e estabelecer-se-á articulações possíveis entre os mesmos sobre a questão da temporalidade e da história – conceitos presentes em ambos os autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo histórico, Terceiro tempo, Narrativa, Concordância-discordância.

**ABSTRACT:** The present article aims to address some possible approaches and articulations on the conception of historical time in Paul Ricoeur and Reinhart Koselleck. Ricoeur describes the third time as historical time in *Time and Narrative III*, when the historian mediates the time between nature and consciousness. Koselleck, in his theory of concepts, approaches the historical time from the relationship between space of experience and field of expectation. The experience space refers to the past, while the field of expectation refers to the future. From this, Koselleck states that the past and future intertwine to form historical time, theory addressed in his work *Futures Past: on the semantics of historical time*. Finally, an approach will be made between the theory of Ricoeur and Koselleck, and possible articulations will be established between them on the issue of temporality and history - concepts present in both authors.

**KEYWORDS:** Historical time, Third time, Narrative, Concordance-discordant.

O presente trabalho procura descrever aproximações e vínculos teóricos acerca da concepção de tempo entre dois autores, Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck. Paul Ricoeur (1913-2005) foi um importante filósofo e pensador francês contemporâneo que apresentou a questão do tempo, inicialmente, na obra *Tempo e Narrativa I*. Nesta obra, aborda a aporia do tempo do

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Franciscana (UFN). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: janessapagnussat@hotmail.com.

Livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho. Posteriormente, na obra *Tempo e Narrativa III*, ele escreve acerca do tempo histórico vinculando-o ao tempo na narrativa, já que, para Ricoeur, o tempo só pode ser medido quando narrado. O objetivo de Ricoeur ao tratar a concepção de tempo remete à construção da identidade narrativa como um modo pelo qual procura delinear o tempo histórico e o tempo ficcional nos eventos narrados – tema apresentado ao final de *Tempo e Narrativa III*.

Já Reinhart Koselleck (1923-2006) foi um importante historiador alemão pós-guerra que tratou sobre a história dos conceitos. Em sua obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* faz uma reflexão teórica acerca do surgimento do conceito moderno de “história”, considerada a mais importante invenção vinculada à Modernidade. Koselleck reflete acerca do significado que a “história” possuía no século XVI, a qual poderia remeter tanto a uma imagem como a uma narrativa.

A seguir, será feita uma análise a partir de partes das obras mencionadas dos referidos autores, destacando suas concepções acerca do significado de tempo histórico e, posteriormente, vinculando estas concepções a fim de estabelecer aproximações dos conceitos de Ricoeur e Koselleck.

### **O tempo histórico em Paul Ricoeur**

Inicialmente, parte-se da prerrogativa de que há um tempo natural baseado nos movimentos naturais e um tempo vivido, em que é levado em consideração o tempo da experiência, possui duração e é compreendido através do passado, presente e futuro. Assim, o movimento reflexivo faz com que o tempo seja responsável pelas mudanças no ser e que essas alterações tenham perspectivas diferentes daquelas consideradas naturais. Nesse sentido, a duração do tempo que estabelece mudanças no ser contém ações e experiências que fazem com que o tempo seja curto quando preenchido de ações e longo quando há um vazio de experiências em um determinado período. Assim, questiona-se: como controlar a duração do tempo em meio a essas mudanças do ser? Reis (1996, p. 231) considera que “essa é a problemática do tempo histórico: a do acompanhamento dos homens em suas mudanças e a sua ‘descrição e análise’”.

Para analisar essa prerrogativa, Ricoeur (1997, p. 180) descreve o conceito de terceiro tempo pautado na concepção do historiador que medeia o tempo entre o da natureza e o da consciência. Desta forma, a partir de conexões realizadas pelo historiador, surge o tempo do calendário, os museus e outras formas de conectar o passado com o presente. Por isso, “o tempo histórico é duplo: ele é a organização que a própria vida coletiva se dá - nesse sentido ele é um

vivido concreto, efetivo, é uma auto-organização da vida social; e é conhecimento desse vivido” (Reis, 1996, p. 234).

Com o tempo do calendário é possível que as sociedades possam se organizar de forma generalizada, e assim os fatos e experiências são narrados. Ricoeur (1994) trata da síntese do heterogêneo<sup>2</sup> em que há uma multiplicidade de eventos e acontecimentos na sociedade. Assim, o historiador seleciona alguns destes acontecimentos para serem narrados, compondo a intriga – os fatos narrados configurados pelo autor da história vivida (Ricoeur, 1994, p. 102). A narrativa não é necessariamente contada como de fato aconteceu no tempo cronológico, mas cria-se um tempo histórico, onde o historiador seleciona os fatos mais importantes e os narra. Nesse sentido, surge o conceito de concordância-discordância (Ricoeur, 1994, p. 103) em que o narrador relaciona fatos concordantes e discordantes para tornar a narrativa mais interessante ao ouvinte.

Por isso, o terceiro tempo é aquele que “refigura a experiência temporal e cria uma concordância discordante” (Reis, 1996, p. 234). O calendário é o terceiro tempo, pois é mediador entre o tempo natural e a consciência. Ele articula o passado e o presente, tendo em vista o futuro. O calendário, através do dia, do mês e do ano articula eventos sociais e, portanto, torna-se indispensável para os indivíduos que vivem em sociedade (Ricoeur, 1997, p. 182). Assim, indo do presente ao passado, podemos ter o tempo físico pelo calendário. Indo do passado ao presente e visando o futuro, tem-se o tempo da consciência<sup>3</sup> marcado pela memória, lembranças e expectativas. Ricoeur (1997, p. 182) trata também do ponto zero que faz parte do calendário como aquele entre o tempo vivido e o tempo natural e que dá um novo curso à história.

O calendário conta e narra a vida humana, enumera-a, não quantificável enquanto puro vivido humano. A vida ganha, então inícios e fins, recomeços, ritmos de trabalho e repouso, festa, sagrado e profano. O tempo calendário organiza as gerações, a sua sucessão: conta os anos, marca continuidades e rupturas, data seus feitos, suas obras, seus nascimentos, mortes, seqüências e descontinuidades. O calendário organiza as fontes, os documentos, os sinais, as mensagens humanas. O calendário seria o "número das mudanças das sociedades humanas" e estrutura o que, para Kant, é uma contradição:

---

<sup>2</sup> Comentando Ricoeur, Stefani (2006, p. 87) explica: “Como elementos de mesmidade da identidade narrativa – no plano da ação –, temos a unidade temporal e o encadeamento da história; como elementos de ipseidade, os acontecimentos diversos que perpassam uma história, a sucessão temporal, os componentes díspares da ação, os acasos. A intriga é a responsável por efetuar essa ‘síntese do heterogêneo’, essas diversas dialéticas entre os elementos de ipseidade e mesmidade. É por meio dela que é possível inserir elementos do diverso, do variável, do instável em uma unidade de permanência do tempo na história narrada, conferindo dinamicidade à noção de identidade narrativa”. Nesse sentido, a síntese do heterogêneo perpassa pela dialética entre a ipseidade e a mesmidade que constituem a identidade narrativa. Assim, os fatos e intrigas são configurados para o narrar-se.

<sup>3</sup> Nessa perspectiva, Ricoeur realiza uma análise da teoria husserliana do tempo nas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Assim, está posto em questão o tempo entendido como consciência interna.

a presença e ausência de um mesmo ser em um mesmo lugar, isto é, a "mudança". O calendário "numera o inumerável", narra o inenarrável: os ritmos mais rápidos e mais lentos, a singularidade e transitoriedade da vida humana. O tempo histórico é um tempo híbrido, que solda uma fratura. A vida breve ganha o fundo do vasto tempo natural; o tempo da inquietação (*souci*) ganha a estabilidade do movimento dos astros. (Reis, 1996, p. 238-239)

A vida tem começo, meio e fim através do tempo do calendário, em que os dias são contados, as histórias e lembranças narradas, marcando a continuidade ou a descontinuidade da humanidade. As rupturas e acontecimentos marcam as mudanças na sociedade e estruturam aquilo que é mantido e aquilo que é transitório.

Além do tempo do calendário, temos o conceito de sequência das gerações em Ricoeur (1997, p. 187), em que só é possível falar em gerações se estas forem datadas. Neste conceito, há um tempo biológico e um tempo histórico. Quanto ao tempo biológico, se refere a repor as espécies por meio de uma continuidade física das gerações. Já para o historiador, apesar de ser indispensável a sucessão física de gerações, a história de cada indivíduo é constituída pela contemporaneidade cultural, influências e eventos sociais (Ricoeur, 1997, p. 189). As mudanças que sucedem os indivíduos marcam a história de cada um. Aqui destaca-se a intersubjetividade marcada fortemente por sistemas simbólicos entre os indivíduos de uma mesma geração. Ocorre uma relação com a alteridade em que as vidas são compartilhadas a fim de construir sistemas simbólicos e culturais. Neste caso, o que predomina é o tempo da consciência.

A sucessão das gerações engloba, além da sucessão de espécies, a sucessão histórica de costumes e sistemas simbólicos contemporâneos. Além disso, essa sucessão vence a morte de indivíduos que fazem parte dela, visando o acolhimento de novos indivíduos desta geração (Ricoeur, 1997, p. 187). Então, a tradição que inova estas gerações é valorizada no sentido da procura de novas culturas e na interação com a alteridade.

Por fim, surge o terceiro e último conector do tempo histórico em Ricoeur: os vestígios, como os documentos, arquivos e rastros (Ricoeur, 1997, p. 196). Nesse sentido, a conexão entre o tempo da consciência e o tempo natural ocorre por meio de vestígios, lembranças históricas e escritas realizadas por historiadores. Por isso, para que a história seja mantida ao longo do tempo, são necessários também materiais que possam deixar gravado esses vestígios, como madeira, couro, papel etc. Os vestígios são sinais de que houve a passagem de homens vivos pela história e que outros homens vivos procuram decifrar a informação ali gravada. Assim, também, o conhecimento é transmitido de geração em geração.

Os vestígios afirmam a existência de uma história passada que se concretiza no presente no momento em que é decifrada (Ricoeur, 1997, p. 197). O tempo do calendário possui

importância neste aspecto já que os vestígios geralmente são datados por historiadores. Portanto, os conectores do tempo histórico, sejam eles o calendário, a sucessão de gerações e os vestígios, são responsáveis por organizar a história e a vida humana. Nesta perspectiva, há uma sucessão de eventos e sociedades que datam uma história construída objetivamente pelos historiadores.

### **O tempo histórico em Reinhart Koselleck**

Em sua obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Reinhart Koselleck trata da história dos conceitos. O historiador alemão demonstra que sem conceitos não poderia haver sociedade, ao considerar que todo conceito tem uma história. Assim, os conceitos são registros da realidade, mas também fatores de mudança da própria realidade. Com eles se estabelecem tanto o horizonte da experiência possível quanto os limites desta (Koselleck, 2011, p. 97). Os conceitos são também constituintes de experiência humana que dão sentido e condições para o conhecimento, conforme ele afirma: “tanto a história vivida quanto aquela cientificamente elaborada são constituídas por perspectivas portadoras e formadoras de sentido, social e pessoalmente condicionadas” (Koselleck, 2011, p. 170).

A história dos conceitos propõe uma análise das mudanças ocorridas no conteúdo e na utilização dos conceitos para um entendimento mais profundo das transformações históricas de duração mais ampla. Mas há também uma descontinuidade no conteúdo dos conceitos. O que ocorre é que a linguagem estrutura nossa maneira de organizar o mundo. Para Koselleck, a importância da historicidade é evidente na proposição de uma teoria da história e de uma meta-história que fossem capazes de reconhecer a permanência, mas sobretudo a mudança, na temporalidade como uma condição da possibilidade de histórias. A história se relaciona com uma sequência ordenada de acontecimentos ou eventos que, vistos como um todo, constituem a marcha da humanidade. Por isso, acredita-se que a história nos ensina.

Além disso, Koselleck traz no contexto histórico os momentos de revolução que são uma suspensão da temporalidade (Koselleck, 2011, p. 308-309). O objetivo da revolução é a ruptura de determinados conceitos – a ruptura do presente com o passado objetivando um novo futuro. Assim, é o futuro que ensina e não o passado. A aceleração retira o juízo final como chegada do tempo. Nesse sentido, Koselleck justifica que só é possível fazer história a partir de uma ordem *a posteriori*. A historicidade valoriza a dinâmica e a existência de significados aparentemente diversos dentro de uma mesma época e até mesmo dentro de um grupo social.

O conceito moderno de história apresentado pelo autor alemão se baseia em pensar muito mais no futuro do que no passado, querendo que o presente passe rapidamente. Por isso, ele aborda a expressão *historia magistra vitae*, em que trata da Modernidade em constante movimento (Koselleck, 2011, p. 42). Na *historia magistra vitae*, a história seria uma explicação do passado modelar, ou seja, aquele que traz algum ensinamento onde se preservam imagens e conhecimentos para que o homem possa explicar e compreender sua condição. É na relação com o passado que atribuímos significado a nossa história individual e social, então afirmamos o que somos.

A obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* contribui para abordar a ruptura que ocorre entre o passado e o futuro na contemporaneidade, levando em consideração a historiografia. Então, trata das três instâncias da temporalidade (passado, presente e futuro), partindo de dois conceitos, sejam eles: espaço de experiência e horizonte de expectativa (Koselleck, 2011, p. 306). Ele ressignifica o passado no presente, o que ele chama de “espaço de experiência”; e ressignifica o futuro no presente, o que ele chama de “horizonte de expectativa”. Portanto, o presente concebe a relação entre o passado e o futuro, e “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro” (Koselleck, 2011, p. 308).

O espaço de experiência é um conceito determinado por Koselleck como pertencente ao passado, já que podemos “trazer” a experiência para o presente por meio de vestígios, fontes históricas e pela memória (Koselleck, 2011, p. 309). Já a expectativa vinculada ao futuro traz para ao presente toda a ansiedade, medos, esperanças e desejos do que está por vir. Por isso, é um futuro presente.

Mas, mesmo que Koselleck aponte a experiência ao passado e a expectativa ao futuro, é preciso destacar que estas duas categorias “entrelaçam o passado e o futuro” (Koselleck, 2011, p. 308), “visto que a experiência abre espaços para certo horizonte de expectativas” (Barros, 2010, p. 68).

O espaço de experiências é um espaço delimitado de experiências vividas e marcadas na memória, em fontes histórias ou trazidas ao presente de alguma maneira. Porém, há uma parte do passado que não conhecemos, não lembramos e este está fora do espaço de experiência.

Tudo o que ficou do que um dia foi vivido, e se projeta hoje no presente de alguma maneira, está concentrado neste espaço que é fundamental para a vida, e particularmente vital para os historiadores – pois estes só podem acessar o que foi um dia vivido através deste espaço de experiências que se aglomeram sob formas diversas, e dos quais eles extraem as suas fontes históricas. (Barros, 2010, p. 70)

O passado é trazido ao presente através de um espaço ora delimitado. Sendo que há um espaço indefinido do passado e também inacessível, ou seja, nem tudo o que pertence ao passado torna-se acessível e trazido ao presente pelos historiadores. Porém, dentre as coisas que se perdem, estão desde documentos que se deterioram até a morte de um indivíduo onde se perde todo seu conhecimento sobre um espaço de experiência do passado. Enquanto isso, as memórias das pessoas podem ser evidenciadas através da história oral, a qual pode ser gravada, escrita e, portanto, mantida ao longo do tempo.

Desta forma, o espaço de experiência pode ser ampliado à medida que são trazidas memórias do passado para o presente. Até mesmo o que aconteceu fora deste “espaço” e é trazido posteriormente através de memórias e descobertas do passado pode passar a fazer parte do espaço de experiência. Desta forma, esse espaço de experiência está em constante transformação na medida em que cada experiência do passado é trazida para o presente e acrescentada nesse espaço. Assim, Koselleck (2011, p. 312-313) enfatiza que as experiências já vividas e trazidas para o presente podem se transformar constantemente e se modificarem com o tempo.

Para tanto, ao descrever o horizonte de expectativa, Koselleck se refere a um horizonte que está por vir. Por isso, quanto mais nos aproximamos do horizonte de expectativa, mais o horizonte se distancia na medida em que essas expectativas são trazidas ao presente. Conforme as próprias palavras de Koselleck:

Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado. A possibilidade de se descobrir o futuro, apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada. (Koselleck, 2011, p. 311)

O tempo se torna como um ímã que vai aproximando o passado e o futuro ao presente por meio do espaço de experiência e do horizonte de expectativa. Porém, “temos apenas uma ‘expectativa’ sobre o futuro, mas efetivamente não podemos dizer como ele será” (Barros, 2010, p. 72). Desta forma, o futuro vai se tornando presente e, conseqüentemente, fará parte do passado posteriormente. Esse vínculo entre passado, presente e futuro vai ocorrendo e construindo a teoria da história – o que enfatiza a constituição das sociedades existentes. Nesse mesmo sentido, por vezes o tempo parece passar mais rapidamente, enquanto certas vezes parece passar mais devagar. Quando o presente é vivido com maior intensidade, se tem a impressão de já estar vivendo o futuro. A partir de Koselleck, podemos apreender uma aceleração maior acerca do tempo na historicidade. Isso se deve às transformações históricas e políticas que ocorrem. Em meio a revoluções, o horizonte de expectativa é trazido mais próximo

ao presente, fazendo com que determinado fator revolucionário seja um marco para a definição do futuro.

Além disso, trazendo este conceito para a contemporaneidade, podemos citar a tecnologia como fator contemporâneo que colabora para que estas concepções de tempo possam ser interpretadas de diferentes formas. Estamos atrelados à tecnologia virtual com diferentes formas de constituir nossa história, resultando na multiplicidade e fragmentação de identidades<sup>4</sup>. Isso faz com que o tempo nos pareça passar mais rápido.

Nesse sentido, Koselleck (2011, p. 313) afirma que o tempo histórico está entre a tensão do passado e do futuro. Em cada época esse vínculo do passado e do futuro por mediação do presente pode ocorrer de maneiras diferentes. Assim, o autor trata de duas formas distintas das tensões entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, antes e depois de 1750; além da quebra entre o passado e o futuro que ocorre na contemporaneidade.

[...] por meio das categorias da *experiência* e da *expectativa*, de que cada uma das temporalidades – o passado, o presente e o futuro – pode imaginariamente se alterar, contrair ou se expandir conforme cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre eles. (Barros, 2010, p. 67)

### **Aproximações acerca do conceito de tempo histórico**

O campo de experiência e o horizonte de expectativa em Koselleck se aproximam do conceito de concordância-discordância de Ricoeur (Barros, 2012, p. 12). Uma história narrada se torna interessante pelos fatos discordantes que fazem parte dela (Ricoeur, 1994, p. 103). Da mesma maneira que nos filmes e livros nos interessamos pelas peripécias que dão ênfase à história e a tornam mais trágica, na narrativa também ocorre o mesmo, quando o narrador ordena os eventos ocorridos através das variações imaginativas. Essas “são definidas a partir da relação entre história e ficção. A compreensão do si se dá a partir da narrativa de histórias inteligíveis e aceitáveis. Então, através da narrativa têm-se uma aproximação com as experiências do sujeito.” (Pagnussat, 2016, p. 42). As variações imaginativas são responsáveis pela configuração dos eventos concordantes e discordantes da narrativa.

Nesse sentido, a inteligibilidade se torna necessária para a composição dos fatos e a sequência destes para a compreensão da história narrada. Considerando a relação da teoria ricoeuriana com a literatura, a importância de que existem fatos correspondentes consecutivos para que o leitor ou ouvinte possa entender o sentido da narrativa. Desta forma, o papel da

---

<sup>4</sup> Sobre o tema da multiplicidade e fragmentação de identidades, consultar a seguinte referência: SILVA, 2014.

inteligibilidade torna-se imprescindível, assim como o da linguagem, para que ocorra o ato de narrar. Conforme Pagnussat (2016, p. 47) “o autor da narrativa utiliza a inteligibilidade para narrar um conjunto de fatos, de modo que o ouvinte possa interpretar o enredo”. O ato discursivo necessita da linguagem para que o narrador possa contar o enredo, dando ênfase para algumas partes do contexto narrativo que considera mais pertinentes para o público e o local que se encontra, sendo que “o narrador não é necessariamente o personagem da história que está sendo narrada. Além disso, esse agrupamento de fatos envolve fatos concordantes e discordantes, e comparados com a literatura, Ricoeur estabelece a relação da história com a ficção” (Pagnussat, 2016, p. 47).

Assim, a escolha na ordem dos acontecimentos dá sentido para a narrativa, sendo que a ordem dos fatos narrados não implica necessariamente a ordem temporal com que eles foram experienciados. Porém, os fatos ordenados devem compor uma narrativa inteligível a partir da totalidade das ações representadas e configuradas pelo narrador. Essas ações estão vinculadas com seus agentes, os objetivos, as consequências e as reflexões obtidas a fim de compor uma história ou várias histórias configuradas de maneiras distintas. A configuração de cada narrativa depende da inteligibilidade de cada narrador que seleciona os fatos a serem narrados, desde que a história faça sentido e possua começo, meio e fim em uma ordem sequencial, não necessariamente cronológica.

[...] a função da narrativa é a de dar sentido a uma experiência discordante, linear e objetiva. A narrativa o faz por extrair uma figura inteligível, concordante, de dados que a princípio, na experiência humana vivida, eram heterogêneos e discordantes. O que Ricoeur pensa, a contrapartida de Aristóteles, é que a configuração, tanto da epopeia quanto do drama, da novela ou do romance, consegue promover esta mediação da experiência temporal – enquanto Aristóteles dá importância maior não à configuração temporal, mas à imitação da ação universal e, portanto, prefere o diálogo dos personagens dramáticos ao poeta narrando em primeira pessoa. (Tortato, 2014, p. 14)

Desta forma, Ricoeur define a narrativa através da concordância-discordância pelo conjunto de fatos heterogêneos que compõem o enredo da história (Ricoeur, 1994, p. 103). Os imprevistos que acontecem em uma história geram expectativa e interesse do expectador e/ou leitor. Assim, pela narrativa, os imprevistos e peripécias que são narrados são utilizados pelo narrador como melhor lre convier para o momento em que o mesmo se encontra, objetivando uma consequência favorável naquela etapa de sua vida. Por exemplo, em uma entrevista de emprego, o candidato procura narrar sua história de vida a fim de justificar a importância e a necessidade daquela oportunidade para sua situação atual de vida e procura demonstrar sua condição favorável para a vaga que a empresa está oferecendo. Portanto, o narrador utiliza a inteligibilidade para que a narrativa tenha sentido e possa ser considerada verdadeira, mesmo

que ela não corresponda inteiramente ao que o narrador tenha experienciado na vida real, já que Ricoeur não questiona se a narrativa é verdadeira, desde que seja coerente.

Porém, as histórias que são narradas sem uma ordem sequencial coerente, mesmo assim podem ser compreendidas a partir do emaranhado de acontecimentos narrados e pela continuação dos mesmos. No texto “A vida: uma narrativa em busca de narrador”, Ricoeur (2010) apresenta a relação entre a vida e a ficção como complementares por meio do exemplo do paciente que consulta ao psicanalista e narra evidenciando apenas algumas partes de sua história de vida.

Para Ricoeur (1994, p. 111), a ação, tida como um texto, é interpretada por meio do ciclo de mimeses, ou seja, pela prefiguração, configuração e refiguração. A prefiguração são os sistemas simbólicos, a linguagem, a temporalidade e os elementos culturais que compõem a narrativa. Sendo assim, pela configuração, o ato de narrar ocorre levando em consideração os fatos concordantes e discordantes envolvidos em um enredo a fim de descrever uma história se utilizando da inteligibilidade do narrador. Já a refiguração é o retorno da cultura através da narrativa pela reflexão do ato discursivo. Esta ocorre a partir do receptor da narrativa, seja ele ouvinte ou leitor, em que o mesmo procura interpretar o que foi narrado. Além disso, “marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, pois, do mundo configurado pelo poema e do mundo no qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica” (Ricoeur, 1994, p. 110).

Para Koselleck (2011), o acontecimento se situa na tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, e “essas duas categorias tematizam o tempo histórico que se pode ler na experiência concreta” (Dosse, 2017, p. 445). Porém, “como Paul Ricoeur, Reinhart Koselleck não vai tão longe e considera, pelo contrário, que os procedimentos históricos não se limitam a sua dimensão discursiva” (Dosse, 2017, p. 446). Koselleck afirma que é no campo prático que se estabelece a atividade de temporalização, já que “os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem (Koselleck, 2011, p. 267).

Ao contrário do tempo histórico de Ricoeur, Koselleck não reduz o tempo simplesmente pelo calendário. O tempo histórico datado é apenas o início do trabalho do historiador. Nesse sentido, o tempo histórico se vincula aos “conjuntos de ações sociais e políticas, a seres humanos concretos, agentes e sofredores, às instituições e organizações que dependem deles. Cada uma delas com o seu ritmo próprio de realização” (Reis, 1996, p. 240).

A história é contada por um período histórico e aqui está a necessidade da existência do calendário. “Conhecer um mundo histórico, para Koselleck, é responder a esta questão maior: como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação?” (Reis, 1996, p. 240). Para isso, Koselleck define o tempo histórico a partir do espaço de experiência e o horizonte de expectativa.

Levando em consideração a experiência individual, cada sujeito tem uma idade que o define em determinada etapa da vida, o que influencia na determinação de ser considerado jovem ou velho. Há uma idade cronológica (do calendário) e uma idade interna determinada pela história individual de cada indivíduo. Essa última leva a uma aproximação com o que Ricoeur (1994), a partir de Santo Agostinho, determina sobre a extensão do tempo a partir da distensão da alma<sup>5</sup>. Ao historiador o interesse maior se baseia na idade cronológica. Então, para Koselleck, a relação entre passado, presente e futuro nem sempre se trata de uma sequência consequente de ações, apesar de que o passado ou o campo de experiência traga aprendizados, conhecimentos e conselhos ao futuro.

Além disso, ele reconhece a importância do calendário, mas enfatiza o valor dos vestígios e da sucessão das gerações para a formação do tempo histórico. Os vestígios do passado são organizados para estabelecer um conhecimento no presente. É desta forma que o historiador age para construir as histórias de vida ou de uma sociedade. Além de mediador entre passado, presente e futuro, o historiador é aquele que efetua o processo de interpretações de vestígios.

Em *Tempo e Narrativa III*, Ricoeur defende que a narratividade está articulada entre a história e a ficção. Assim, a aporia do tempo se resolve na experiência humana através do processo narrativo. Os acontecimentos são trazidos por meio da linguagem em forma de enredo que conjuga o tempo propriamente cosmológico e o tempo fenomenológico da consciência, o que enfatiza o entrecruzamento entre história factual e literatura ficcional. O terceiro tempo descrito em Ricoeur é importante para estabelecer a relação entre tempo natural e tempo da consciência, já que o tempo da consciência, como aquele das mudanças humanas, não poderia

---

<sup>5</sup> *Distentio animi* pode ser traduzido como distensão da alma. Santo Agostinho, em *Confissões*, aborda a aporia do tempo partindo da concepção de que a alma pode se distender. Por isso, a distensão da memória como lembrança e a expectativa do futuro só pode ocorrer no presente, já que nem o passado nem o futuro podem ser medidos. A distensão da alma é a possibilidade, através da vontade, de se estender ao passado através da memória e ao futuro através da expectativa. Porém, a alma se distende somente no instante presente. A *intentio animi* é a intenção da alma no presente por meio da atenção. Ricoeur (1994) relaciona *intentio* e *distentio animi* como dois marcos para a aporia do tempo. “Para Ricoeur, a chave do que Agostinho está procurando se encontra do lado do tempo que passa (*transit*), o presente vivo, o presente da alma, e consiste precisamente em encontrar algo distinto do presente pontual: algo que não carece de tensão nem de distensão [...] ao designar o presente distendido, já está indicando a presença da *intentio*; e ainda: que a *distentio* é o seu contrário ou inverso” (Rossatto; Botton, 2011, p. 121).

ser concretizado sozinho sem a relação com o tempo dos movimentos naturais, caracterizado somente pela permanência. O historiador precisa conhecer o tempo histórico a partir das mudanças vinculadas ao tempo da consciência e ao tempo natural, garantindo que ele traga um conhecimento histórico verdadeiro.

Koselleck (2011) não trata diretamente do tempo histórico como terceiro tempo, mas utiliza características que levam a esse conceito como sucessão e articulação temporal. A ideia de articulação é estabelecida no presente articulado ao passado e ao futuro pelo campo de experiência e horizonte de expectativa. Desta forma, é possível conceber várias aproximações entre Ricoeur e Koselleck, apesar destes tratarem de campos distintos da área das Ciências Humanas, mas que possuem concepções acerca do tempo histórico que podem ser similares.

### **Considerações finais**

A existência do tempo, na teoria ricoeuriana, só se confirma pela narrativa, ou seja, pelo ato de narrar. Quando os atos são narrados é possível constituir a história de vida e a representação do tempo. O tempo é um elemento utilizado por Ricoeur para a construção da identidade narrativa e para a relação entre história e ficção quando relaciona a narrativa com a literatura.

Em *Tempo e Narrativa III*, Ricoeur estabelece a concepção de terceiro tempo: o tempo histórico. Este possui três conectores para organizar a história e a vida humana, sejam eles: o calendário, a sucessão das gerações e os vestígios. O tempo do calendário composto por datas e períodos serve para que as sociedades possam se organizar de forma universal e, a partir disso, para a existência das experiências narradas. Além disso, o tempo do calendário estabelece a relação entre o tempo natural e o tempo da experiência. Por isso, é chamado de terceiro tempo.

A sucessão de gerações é, além da sucessão de indivíduos, a sucessão histórica de costumes e sistemas simbólicos. Os vestígios são arquivos, documentos, rastros e lembranças que estão vinculadas à história e aos historiadores, afirmando a existência de memórias passadas que se concretizam no momento em que são decifradas. O tempo do calendário se torna importante neste aspecto para que os historiadores estabeleçam períodos para cada história ocorrida.

Na obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Koselleck trata da história dos conceitos e do tempo histórico a partir do espaço de experiência e campo da expectativa. O espaço de experiência ocorre quando o passado é trazido ao presente por meio da memória, vestígios e fontes históricas. A experiência do passado, assim, é trazida ao

presente. Já o campo de expectativa é quando o futuro é trazido ao presente através da esperança, medos e ansiedade das ações futuras.

Porém, Koselleck afirma que o passado e o futuro se entrelaçam sendo que as experiências visam o horizonte de expectativa. Então, o acontecimento ocorre na tensão entre o passado e o futuro. O tempo histórico vai aproximando o passado e o futuro ao presente. Desta forma, o futuro vai se tornando presente e, conseqüentemente, fará parte do passado posteriormente. Esse vínculo entre o passado, o presente e o futuro constrói a teoria da História.

Por fim, apesar de Koselleck descrever a história dos conceitos na Modernidade (mais especificamente, a chamada “segunda Modernidade” que emerge a partir do fim do século XVIII) e Ricoeur tratar da narrativa contemporânea, algumas aproximações são possíveis entre suas teorias. O espaço de experiência e o campo de expectativa em Koselleck se relacionam com a concordância-discordância em Ricoeur. A narrativa ricoeuriana é composta por fatos heterogêneos que se unem por meio de um propósito constituindo uma história. A concordância-discordância se encontra no seio da história em que o autor destaca fatos discordantes para tornar a história narrativa mais interessante. Koselleck afirma que no campo prático, através da linguagem e das experiências, é possível entender o tempo histórico. As duas teorias procuram trazer ao presente as experiências, estas vinculadas ao tempo histórico.

O terceiro tempo em Ricoeur se articula com o tempo histórico em Koselleck, apesar deste não descrever de forma direta o terceiro tempo, mas utiliza características deste conceito, como sucessão e articulação temporal. A necessidade do calendário é evidente para compor a teoria da História e para o trabalho dos historiadores. Além disso, os vestígios são provas concretas para os historiadores. Tanto Ricoeur como Koselleck descrevem os vestígios como conectores para o tempo histórico. Para além dessas articulações possíveis sobre o tempo histórico, também cabe mencionar a aproximação com a teoria de Hayden White – outro historiador importante que é influenciado por Koselleck.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Arnaldo do Espírito Santo/ João Beato / Maria Cristina Pimentel. Edição da Lusosofia. Lisboa, 2001, X, XI.

BARROS, José D’Assunção. Rupturas entre o presente e o passado: Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. *Revista Páginas de Filosofia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 65-88, 2010.

BARROS, José D’Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-27, 2012.

DOSSE, François. *Paul Ricoeur: Os sentidos de uma vida (1913-2005)*. Trad. Roberto R. Lauxen; Gonçalo Marcelo; Hugo Barros; Andrés Bruzzone. São Paulo: Ed. LiberArs, 2017.

HUSSERL, Edmund. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Ed. da PUC, 2011.

PAGNUSSAT, Janessa. *O si-mesmo e os outros: Um estudo sobre a teoria da identidade narrativa em Paul Ricoeur, sua dimensão ética e seus desdobramentos para os Estudos Culturais*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFFS, 2016.

REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: uma articulação possível. *Síntese Nova Fase*, Ouro Preto, v. 23, n. 73, p. 229-252, 1996.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa - Tomo I*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa - Tomo II*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa - Tomo III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RICOEUR, Paul. “A vida: uma narrativa em busca de narrador”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escritos e conferências I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 197-211.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

ROSSATTO, Noeli Dutra; BOTTON, João Batista. Tempo narrado: Paul Ricoeur e Agostinho. In: LEONHARDT, Ruth R.; CORÁ, Elsie J. (Org.). *O legado de Paul Ricoeur*. Guarapuava: Unicentro, 2011, p. 111-150.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

STEFANI, Jaqueline. *A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, 2006.

TORTATO, Bárbara Araldi. *Texto e interpretação em Ricoeur: o (não-) lugar da literatura*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. 2014.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora USP, 1995.